

# Entrevista com o compositor Yannis Xenakis

Xenakis nos mostrou um trabalho considerável, digno de todo o respeito. E sua presença entre nós foi muito proveitosa, exatamente pela discussão havida, pela troca de idéias antagonicas. E sempre um artista europeu, com cuja obra e experiência sempre vale a pena entrar em contacto.

GILBERTO MENDES

(Especial para A TRIBUNA)

da, Xenakis deve ter-se admirado no enfrentar um público vivo, participante, disposto a discutir mesmo. Como bom europeu, talvez esperasse da nossa parte um comportamento passivo, uma atenção dócil a seus ensinamentos. No debate com o poeta concretista Décio Pignatari, chegou a irritar-se. E o ponto de discórdia, dominante em todas as conversas seguintes, foi a questão "semântica".

Infelizmente as coisas se encaminharam de jeito que afastou a possibilidade de um conhecimento mais amigável entre Xenakis e nós, compositores brasileiros. E tanto a cobertura dos acontecimentos da II Semana como a entrevista que obtivemos não puderam ser impessoais,

puramente jornalísticas, uma vez que nos envolvemos em caráter pessoal na discussão travada. Também não antipatizamos com Xenakis. Atendeu-nos prontamente no final da luta já descrita e prometeu-nos entrevista especial para este jornal no dia seguinte. Fomos buscá-lo a hora marcada, no Hotel Jaraquá, e lá nos estava ele esperando.

Juntamente com o compositor Willy Corrêa de Oliveira, demos um passeio de carro pela cidade, que o interessava muito, como arquiteto. "Como se controlou em São Paulo", admirou-se ele. Mostramos-lhe o Parque Ibirapuera, os prédios projetados pelo seu colega Niemeyer, também, como ele, ex-discípulo de Le Corbusier. E construídos no estrar nossas cidades e parques, abandonados e sujos, a visitantes estrangeiros.

Durante o trajeto e depois na casa de Willy a conversa foi-se animando. Novamente perguntado sobre o problema de uma música semântica:

"— Não sei por que vocês se preocupam com esse problema. Tudo é semântico. Minha música é semântica".

Xenakis defendia-se de um confinamento de sua música na faixa puramente sintática. Mas, na verdade, para ele semântica era uma simples palavra. Não existia. E sobre os Beatles:

"— Pelo que vejo, vocês no Brasil sofrem muito a influência dos ingleses. Não há nenhum interesse na música dos Beatles. Eles são o espelho da decadência anglo-saxônica".

Não aceitava nosso ponto de vista, que reconhecia um grau altamente criativo no trabalho dos Beatles, endereçado e digerido pelas massas; um espírito dos Irmãos Marx, que incorporava o espetáculo à música (a problemática audiovisual de John Cage); uma fusão da comunicação aberta com a comunicação persuasiva (ver Umberto Eco), quase arte de vanguarda. Toda uma posição ante as posições burguesas, enfim uma dessacralização da alta cultura burguesa. Mas essa temática não convencia Xenakis.

O compositor grego-francês é o tipo intelectual europeu fechado em si mesmo, em sua posição aristocrática, essencialmente formalista, pela arte "pura estrutura". Seu objetivo era outro: manter a "aura" da obra de arte. E o homem do velho mundo, em choque com as concepções do homem novo americano, voltado para uma arte feita do cotidiano, para o estudo de uma teoria dos signos, da informação.

"— Não interessa o significado — dizia Xenakis. — Interessa o desenvolvimento da linguagem musical".

Contestamos. Se não interessa o significado, o desenvolvimento da linguagem, qual dizer o quê?

Xenakis revelava-se insensível à atual tendência da produção artística mundial, de inspiração mais norte-americana, mesmo quando realizada na Europa, como os filmes de Lester, de Richardson. Por isso, igualmente a música norte-ame-

ricana não o interessava:

"— De Cage só posso dizer que faz má música" — declarou.

Referindo-se ao "happening" de Stockhausen em Nova Iorque, influenciado pela linha cageista, de dessacralização da música:

"— Stockhausen não tinha mais o que dizer".

Passava assim por cima do fato de haver Stockhausen apresentado em Darmstadt, no ano seguinte, seu "Momento 65", um dos trabalhos escritos mais complexos e elaborados do grande compositor alemão, verdadeira síntese de todos os seus procedimentos anteriores.

A respeito de Erick Satie, o grande compositor francês na ordem do dia, precursor da antimusica:

"— É um compositor secundário".

O entendimento tornava-se cada vez mais difícil. E Xenakis estava resabiado. Examinou uma partitura de Willy. As citações de outros autores nela contidas, justificadas pelo autor como atuação crítica, de oposição, dentro do contexto musical, foram recebidas com sorrisos irônicos:

"— Não vejo crítica alguma nessa oposição".

Xenakis também sabia ser do contra. E não poupou um poema concreto de Décio Pignatari, e n a q u a drado na parede:

"— Mas isto é abstrato!" Também perguntamos sobre o grau de receptividade de sua música. Seria ela aceita por um público comum, de televisão, por exemplo?

"— Minha música é aceita normalmente em qualquer lugar, dependendo do nível cultural da audiência. Em Paris é tocada habitualmente, sem problemas".

Ja era tarde, e o compositor Yannis Xenakis precisava preparar-se para a conferência que deveria proferir a noite. Levamo-lo de volta ao hotel.

Em sua palestra demonstrou mais uma vez dificuldade de comunicação, de falar de um assunto de ordem geral. Tratou unicamente de sua obra. Perdeu a oportunidade de tratar do que teria sido o grande tema da noite: como o computador eletrônico pode ajudar o artista, como pode ser um prolongamento de sua mente criadora. Não interessa que o computador faça o que podemos fazer; isso fazemos nós melhor.

Pudemos ver diversas partituras de Xenakis, um livro de arquitetura, outro sobre sua técnica de composição ("Musiques formelles" - la

revue musicale - éditions Richard Masse, numero special 253/254 - Paris). Ouvimos em gravação as peças "Metastasis", dirigida por

Hans Rosbaud em Donaueschingen; "Achorripsis" e "Atrees", esta última programada por ele para realização no computador e muito in-

teressante como resultado sonoro.

Colocando-nos acima de nossas incompatibilidades, reconhecemos que Yannis